

A ALCA e os Povos da América Latina.

Néliton Azevedo.

Cita:

Néliton Azevedo (2002). *A ALCA e os Povos da América Latina*. *Jornal Oficina de Idéias*, Jan02, 13-13.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/neliton.azevedo/12>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ph8m/6hK>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A ALCA e os Povos da América Latina

Néliton Azevedo
Economista, Doutor em Educação
Especialista em Relações Internacionais
Editor da Revista Práxis
www.revistapraxis.cjb.net
www.oficinadeideias.cjb.net

Hoje vamos falar da ALCA, essa mala sem cedilha. Aqui em New York são difíceis as informações isentas sobre os rumos de nossa América Latina e da Argentina. Para a mídia conservadora norte-americana, o protesto do povo argentino nas ruas é 'arruaça' e 'baderna', as manifestações em frente às Embaixadas e empresas multinacionais é 'coisa de esquerdistas' e 'terrorismo', o repúdio aos métodos do FMI é 'ilusão nacionalista', as vaias à Delegação Norte-americana é 'falta de gratidão'. Aqui, a opinião pública considera os EUA um país fraternal e caridoso, mas incompreendido e injustiçado.

Desde o anúncio da pretensão de criar uma Área de Livre Comércio das Américas, ALCA, pretensão alardeada pelos representantes governamentais do continente americano, reunidos há oito anos na Flórida, em Miami, as negociações oficiais para sua implantação desenvolvem-se continuamente, apesar das idas e vindas de tal ou qual País e, principalmente, apesar da resistência de quase todos os povos. Esta resistência evidencia-se nos episódios de Seattle, Washington, Davos, Cancún, Porto Alegre, Buenos Aires etc. As negociações ignoram por completo a hecatombe social gerada pelo modelo de 'integração' neoliberal, visam apenas atender às necessidades da economia norte-americana, mergulhada em mais uma crise, e aos setores oligopolistas locais.

Os governos neoliberais do hemisfério negam-se a informar sobre os andamentos das negociações, apenas monitoradas por um fórum empresarial continental. Permanecendo em negociações fechadas e secretas, preparam-se para dar um passo definitivo rumo à ALCA, como ficou demonstrado no mês de Abril de 2001, em Buenos Aires, Argentina, na Reunião de Cúpula de Ministros do Comércio, e posteriormente em Quebec, no Canadá, na III Cúpula dos Chefes de Estado das Américas. Parecem indicar que o ponto pretendido de chegada é a imitação ampliada do modelo do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, TLCAN, repetindo seus aspectos mais danosos, cujos efeitos, demonstrados em 'escala industrial', aprofundam as desigualdades entre as nações, ampliam a polarização social da riqueza, com suas conseqüências para a sociedade e o meio ambiente. Um exemplo é a reprodução, na ALCA, do Capítulo 11 do TLCAN - sobre o investimento estrangeiro - outorgando trato nacional às grandes corporações; proibindo metas de desempenho; proibindo o controle, limitação ou taxação de grandes capitais especulativos e permitindo que os investidores questionem judicialmente aos Governos que tentem regulamentar lucros e remessas.

Tais governos, e atrás deles as grandes empresas transnacionais, insistem em ignorar os impactos sociais e ambientais conseqüentes. Buscam fazer competir nossos países com base no dumping social e ambiental, fazer combater trabalhadores contra trabalhadores, sob baixos salários e condições de trabalho escassas e precarizadas, fazer combater países contra países, sob a forma de abertura indiscriminada dos mercados internos, o esgotamento dos recursos naturais e a degradação ambiental. Os setores estatais mais visados, destinados à privatização, são o

bancário-financeiro, energético, petrolífero e de telecomunicações e transmissão de dados. A emigração, a xenofobia, a ampliação do fosso entre ricos e pobres, a míngua de recursos para as áreas sociais, de saúde, educação e trabalho, a concentração das rendas e propriedades, a discriminação e a crescente exclusão dos setores sociais 'descartáveis' são os únicos resultados palpáveis e democraticamente distribuídos da lógica neoliberal aplicada. A Argentina é o exemplo mais atual e eloqüente. Cavallo, o Ministro plenipotenciário da economia argentina, se foi. Mas, a América Latina é infestada de Cavallos, iguais em objetivos e métodos. Malans sem alça.

Repito a verdade da frase, escrita em vermelho em frente à Casa Rosada sede do Governo Argentino, na Capital Buenos Aires: "La única globalización posible para los pueblos latinoamericanos es aquella que facilite el desarrollo en un contexto de equidad y justicia que defienda la vida sobre la tierra y que propicie la amistad y la solidaridad entre los pueblos y entre los seres humanos. Vamos Construir Américas solidárias, luchemos contra el ALCA."